

Adesão do PMDB a Serra compromete estratégia de Lula

Ricardo Amaral
De Brasília

A formalização do acordo entre PSDB e PMDB para apoiar o candidato tucano à Presidência da República, senador José Serra, foi um tiro na estratégia eleitoral do petista Luiz Inácio Lula da Silva. O PT vinha costurando alianças com dissidentes do PMDB em cinco Estados, mas em apenas uma semana de articulações o PSDB reverteu a tendência em três deles: São Paulo, Mato Grosso e Paraná. O partido de Lula investe agora numa difícil unidade das esquerdas e espera o apoio político de setores do PFL sob influência do governador Antonio Carlos Magalhães e do ex-presidente José Sarney, adversários do governo federal.

Num encontro informal quarta-feira com representantes de todos os partidos de oposição, o presidente do PT, José Dirceu, admitiu que a oposição corre o risco de ser derrotada no primeiro turno. "É uma possibilidade real, porque estamos diante de uma poderosa articulação do Planalto para eliminar adversários de Serra no campo do governo e da oposição", disse o líder do PPS na Câmara, Rubens Bueno (PR).

O grupo informal reúne deputados do PT, PSB, PDT, PC do B e PPS. Segundo Bueno, Dirceu anunciou que vai procurar os dirigentes de todos esses partidos nos próximos dias, "para manter um espaço de entendimento ainda no primeiro turno". Os parlamentares desse grupo acreditam

que a unidade deve ser buscada antes que se inviabilizem as candidaturas de Ciro Gomes (PPS) e Anthony Garotinho (PSB). "Devemos inclusive deixar em aberto a questão do nome de unidade", acrescentou Bueno.

Garotinho, apesar de manter fôlego nas pesquisas, teve a candidatura ferida pela resolução do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de verticalizar as coligações. Isso criou um problema para as candidaturas competitivas do partido, como as de Ronaldo Lessa, em Alagoas, e Paulo Hartung, no Espírito Santo, entre outras. Proibidos de fazer coligações nos Estados, arriscam-se a uma aventura num voo solo com Garotinho.

Ciro Gomes pode ser atacado pelo flanco mais vulnerável de sua candidatura, o PTB. Dirigentes do partido são suscetíveis a denúncias, como a que atingiu Roseana Sarney, ou à cooptação pelo governo, na avaliação de políticos próximos a Ciro. O PSDB considera estratégica a adesão do PTB a Serra. Isso iria tirar de Ciro uma exibição de vinte minutos em rede nacional. Também seria necessário para o apoio a candidatos tucanos ao governo em alguns Estados, principalmente São Paulo.

Os dois principais movimentos do PSDB nas praças eleitorais cobiçadas pelo PT foram em Minas e São Paulo. O candidato Serra cortejou Itamar Franco num telefonema na sexta-feira, quando avisou que estavam muito adiantados os entendimentos com a cúpula do PMDB. Itamar

desistiu da candidatura presidencial, mas ainda dá sinais confusos sobre quem vai apoiar. Disse aos dissidentes do PMDB que não iria para a esquerda, mas ontem declarou que não fechou as portas ao PT. Os petistas decidiram lançar o deputado Nilmar Miranda ao governo, mas vão esperar por Itamar até o último prazo do calendário eleitoral.

Em São Paulo, Serra fez um movimento em direção ao ex-governador Orestes Quércia, que controla a maioria do diretório do PMDB com pequena diferença sobre o serrista Michel Temer, presidente nacional do partido. O presidente do PSDB, deputado José Aníbal (SP), tem conversado com Quércia em nome do candidato ao Planalto. "Nunca me desaproximei do Serra, com quem me entendo, apenas divirjo do governo que ele representa", argumenta Quércia para justificar a aproximação.

Em Mato Grosso, onde o PT já tinha uma aliança praticamente fechada com o senador Carlos Bezerra (PMDB) para apoiá-lo na disputa pelo governo do Estado, o quadro mudou radicalmente. O PSDB convenceu o governador Dante de Oliveira a fechar um acordo pelo qual será candidato a uma das duas vagas ao Senado. A outra fica para Bezerra tentar a recondução. O candidato ao governo será o senador tucano Antero Paes de Barros.

No Paraná, o ex-governador tucano José Richa está empenhado numa histórica reaproximação com o senador Roberto Requião (PMDB). A proposta dos tucanos é apoiar Requião para mais um mandato no Senado, ficando para Richa a vaga de governador. A rejeição dos petistas locais a Requião facilita o entendimento. O PT é favorito, ainda, para um acordo em Goiás, com o senador Maguito Vilela, rompido com o PSDB nos planos estadual e nacional.